



FÓRUM MULHER FORTALECE A CIDADANIA EM PROL DOS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS COM ENFOQUE NA ELIMINAÇÃO DA FÍSTULA OBSTÉTRICA

Participantes da capacitação sobre saúde sexual e reprodutiva com enfoque para a eliminação da fistula no distrito de Namuno-Cabo Delgado

Contexto

As graves deficiências existentes na saúde sexual e reprodutiva, em Moçambique, são ilustradas pelo número de raparigas e mulheres jovens de 15 a 19 anos que é gestante ou que tem, pelo menos, um filho, e que abrange cerca de 38% das raparigas e mulheres jovens. Consequentemente ocorre a fistula obstétrica em raparigas e mulheres jovens numa estimativa de 2.500 (dois mil e quinhentos) novos casos por ano. Por outro lado, a saúde das mulheres é ameaçada pela feminização do HIV/SIDA, com enfoque nas jovens de 15 a 24 anos, onde a taxa de prevalência é de 11 %, comparada com a de 3,7 % para os homens. Segundo o IMASIDA 2015, 13,2% dos homens e mulheres de 15 a 49 anos são seroprevalentes. Comparando os dados de 2009 e de 2015, a seroprevalência aumentou de 11,5%, em 2009, para 13,2%, em 2015. Contudo, os intervalos de confiança dos dois inquéritos (10,1% - 12,9% no INSIDA 2009; 11,9% - 14,4% no IMASIDA 2015) sobrepõem-se, o que indica que o aumento da prevalência não é estatisticamente significativo¹.

A província Cabo Delgado tem 61% de casamentos prematuros entre raparigas dos 15 a 17 anos, que é a segunda maior taxa de casamentos prematuros, seguindo-se Nampula com 62% nas raparigas até 15 anos e Manica e Niassa com a taxa de 24%. Para além de ter taxa elevada de casamentos prematuros, a taxa de mortalidade materna é a mais elevada do país, sendo igual a 822,1².

As províncias de Cabo Delgado e da Zambézia apresentam elevadas percentagens de partos realizados em casa, com 63% e 71%, respectivamente. A maior parte dos partos das mulheres sem escolaridade, que não foi às consultas pré-natais, tem 6 ou mais filhos e é mais velhas, realiza-se fora das unidades sanitárias³.

O CESPISA realizou um estudo com base nos resultados do IDS, que indica que os casamentos prematuros têm, em geral, maior incidência nos distritos do norte do país e menor incidência nos distritos do Sul. Por exemplo, em 2007 mais de 15% das raparigas menores de 16 anos era casada ou vivia em união de facto em 26 dos 146 distritos do país da zona norte de Moçambique, sendo que em 7 destes distritos, Namuno, Balama e Chiúre (na província de Cabo Delgado), Marrupa, Sanga e Nipepe (na província de Niassa) e Mecubúri (na província de Nampula) mais de 20% das raparigas menores de 16 anos era casada/vivia em união de facto.

Mais de um terço das raparigas menores de 18 anos era casada/vivia em união de facto nos distritos de Balama, Namuno, Chiúre e Ancuabe (em Cabo Delgado); Sanga, Marrupa, Nipepe e Ngauma (em Niassa) e Mecubúri, Mogovolas, Lalaua, Namapa Eráti e Muecate (em Nampula).

¹ Termo de Referência desta actividade elaborado pelo Fórum Mulher- 2018

² INE, Censo 2007

³ IDS 2013

MULHERES CAPACITADAS EM SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA COM ENFOQUE A ELIMINAÇÃO DA FÍSTULA OBSTÉTRICA



Facilitadora Maria Salome, no centro, explicando as participantes

OS NOSSOS OBJECTIVOS

Alargar o debate sobre os direitos sexuais e reprodutivos a fim de promover a saúde sexual e reprodutiva com enfoque na eliminação da fístula obstétrica.

Identificar os principais problemas relacionados com os direitos sexuais e reprodutivos que as raparigas e mulheres jovens enfrentam nas províncias de Nampula e Cabo Delgado.

Contribuir para a identificação do número máximo de mulheres que necessita de tratamento da fístula obstétrica.

O QUE ALCANÇAMOS:

Províncias	Distrito de Murrupula	Distrito de Mecubiri
Nampula	Decorreu nos dias 27, 28 e 29 de Agosto no distrito de Murrupula, província de Nampula réplica formativa na área dos Direitos Sexuais e Reprodutivos com enfoque para a eliminação da fístula obstétrica. Estiveram presentes 38 pessoas, dentre as quais 37 mulheres e 1 homem provenientes das localidades de Cazuzu, Chinga, Nihessiu, Namitotelane, e Murrupula-Sede Representando diferentes associações e instituições locais: Associação de Mulheres Rurais, AMPARAR, ADA, NUGENA, Rede feminina de Nampula, OMM, enfermeiras e pastoras/mães da Igreja.	Nos dias 28, 29 e 30 de Novembro de 2018, foi realizada uma acção formativa no distrito de Mecubiri, província de Nampula. Onde estiveram presentes 35 participantes entre raparigas, jovens e mulheres das associações locais, líderes religiosos, matronas, activistas, bem como representantes das Direcções Provinciais, nomeadamente: AMR, NUGENA, AMVN, AJVM, OPHENTA, HOCHANIA, AEIM; ADA, Centro de saúde, DDSMAS, POKOMALA, posto SEDE, TCV, Associação Molipina, INAS, SDJET, associação OKOMALA, associação Hiwanana. Dos/as presentes 33 eram do sexo feminino e 2 masculino, sendo que 5 mulheres e uma rapariga de 19 anos em situação de casamento prematuro.
Cabo Delgado	Cerca de 40 Mulheres, jovens e raparigas provenientes de instituições governamentais tais como Gabinete Jurídico, Comando Distrital da Policia, Educação, Saúde, representantes da Muleide no distrito de Palma, Metuge, Pemba, Namuno, Mocimboa da praia, associação olaria de Metuge, associação 17 de Abril, AJM, camponeses e outras, beneficiaram de uma capacitação sobre direitos sexuais, saúde reprodutiva com enfoque a eliminação da fístula, no distrito de Namuno, província de Cabo Delgado nos dias 21 a 23 de Agosto de 2018.	Na cidade de Pemba, foram formadas 36 pessoas sendo 34 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, nas idades compreendidas entre 18 a 50 anos, provenientes de LDH (Liga dos Direitos Humanos), MISLcons, MULEIDE, SAMCOM, AMODEFA, MULEIDE, ADEL CD, Progresso, UNAC, DAFMVV (Departamento de Atendimento de Atendimento à Família e Menores Vítimas de Violência), IPAJ, AMA, AMMCJ (Associação das Mulheres de Carreria Jurídica), Pathfinder, estudantes e mulheres da comunidade.

O QUE ORIENTA A NOSSA MUDANÇA

Em resposta às desigualdades estruturais que as mulheres e raparigas enfrentam, o Fórum Mulher tem realizado jornadas de formação contínua para fortalecer as organizações que trabalham em prol dos direitos humanos das mulheres e promoção dos direitos sexuais e reprodutivos, bem como para capacitar as comunidades, em particular as raparigas e mulheres jovens e adultas de forma a conhecerem os seus direitos humanos e sexuais e reprodutivos com objectivo de se tornarem autónomas na tomada de decisão sobre o seu corpo, procurando alternativas para desconstruir as normas de género.

Os direitos sexuais e reprodutivos são a base sobre a qual estruturamos a desconstrução da desigualdade e denunciamos o controlo do corpo das mulheres onde se perpetua a opressão e a instrumentalização através de normas sociais, culturais e religiosas que reproduzem práticas nocivas ao exercício dos direitos humanos das mulheres, e que definem que tipo de corpo que oferece mais prazer, sendo a idade um dos elementos centrais nesta categorização e, consequentemente, são as mulheres mais jovens o principal alvo do patriarcado que robustece a masculinidade opressora a partir de estereótipos que dividem as mulheres em santas, pecadoras, catorzinhas, como forma de se desresponsabilizar.

Estas acções, lideradas pelo Fórum Mulher, apresentam uma abordagem de género e de educação não sexista para eliminar desigualdades e práticas nocivas ao exercício dos direitos das mulheres que consideram natural a submissão e a discriminação da mulher e que contribuem para manutenção do patriarcado, sistema de dominação masculina.

Testemunhos FÍSTULA OBSTÉTRICA



Participante Fátima

“Fátima” participante proveniente de Mocimboa da Praia, afirma que as acções de formação e as reflexões do Fórum Mulher ajudaram a perceber que estava numa relação marital bastante abusiva e graças a estas formações desenvolveu o seu poder interno, saiu da opressão e conta que actualmente tem outra relação que se baseia no respeito mútuo.

Para Mwuanassa as formações tiveram efeito sobre a sua vida, embora aparentemente tenha sido pequeno. Ela conta que graças a estas formações deixou de ser tímida e aprendeu a expressar-se em público e que a sua palavra tem valor.

Ena, outra participante, utiliza as formações como momento para aprofundar a aprendizagem sobre a saúde sexual e reprodutiva e adquirir mais conhecimento para posterior utilização na sua comunidade. A participante garante que tem realizado palestras na sua comunidade que se localiza em Pemba, como comprovam os relatórios que se encontram na Muleide em Cabo Delgado e que se referem a essas capacitações.



Ana Anita Pedro, vítima de fistula

“Ana Anita Pedro tem 21 anos” é natural de Namuno, província de Cabo Delgado. Iniciou a actividade sexual, quando tinha 15 anos, com um homem mais velho. Aos 18 anos engravidou. Quando o trabalho de parto começou ela estava em casa da avó, que ao receber a notícia, decidiu levá-la para a casa da mãe.

Em seguida foi acompanhada para o hospital, onde foi recebida por uma enfermeira que a deixou numa cama sem assistência. Anita deu à luz o bebé na ausência da mãe e da parteira, que veio a perder poucos meses depois devido a problemas de saúde. Ela conta que após o parto não tinha leite, não tinha condições para comprar leite artificial, nem tinha alimentação adequada e que, por isso, o bebé acabou por adoecer.

Anita conta que, em Janeiro do ano passado, começou a ter dificuldades em urinar e a ter dores nas articulações. Em vez de urina saíam fezes de tal modo que teve que colocar uma algália no hospital de Montepuez para poder urinar. Após esta pequena intervenção médica, Anita diz que começou a ter sangramento no canal vaginal. Entretanto, há um ano que vive dependente da algália.

Perdeu o controlo da urina. E muitos sonhos tiveram que parar. Anita e o parceiro tiveram que vender boa parte dos seus bens para encontrar soluções para a sua doença. Agora o seu sustento depende da ajuda de familiares, porque o marido a abandonou. Desde que ficou doente não tem vida sexual activa.

O sonho de Anita é ser uma mulher normal. Sonha com assistência médica que a cure para a sua vida voltar ao normal.

O seu sonho era ser enfermeira para ajudar outras mulheres, mas não o realizou porque terminou os estudos cedo e casou prematuramente.

“Sou Sequiana Mouripa”, não sei quantos anos tenho, mas lembro-me que nasci na altura que o presidente Samora estava vivo. Sou viúva há três anos e vivo na casa dos meus filhos desde que minha casa se queimou e não consegui recuperá-la. Tenho 7 filhos, mas tive 8 partos. No último parto tive um nado morto.



Participante Sequiana Mouripa

Quando ia começar o trabalho de parto fui para o centro de saúde de Cumpe, quando entrei na sala de parto disseram que não era da sua competência e transferiram-me para o hospital de Namuno. Daqui fui transferida para Montepuez e de lá para Pemba, mas não me explicaram o que estava a acontecer. Já no hospital de Pemba tive um nado morto, num estado avançado de degradação. Fui tratada e deram-me alta. Mandaram voltar ao centro de saúde de Cumpe, mesmo vendo que eu não estava bem, saía água sem controlo.

Logo depois do parto começou a sair água, mas não entendia o que estava a acontecer porque nos outros partos que eu tive nada disso aconteceu. Fui ao hospital, mas não me trataram. Desde 2014 que sai urina sem controlo até hoje. Já não tenho ajuda de ninguém e não quero mais casar porque no hospital disseram para ficar três anos sem manter relações sexuais e não engravidar, sob risco de perder a vida. E por falta de transportes já não consigo ir, frequentemente, ao hospital”.



Participante Hatija Xavier

“Sou Hatija Xavier, tenho 45 anos de idade” tenho cinco filhos porque perdi um. A doença começou na última gravidez, em 2011, um ano depois de eu ter tido o último parto e desde lá mesmo quando estou sentada sai urina. A minha vagina fica sempre cheia de borbulhas e húmida, mas não doeu só faz comichão.

No último parto o bebé não saiu pela cabeça conforme o normal. E sentia que estava tudo bem, mas depois de um tempo comecei a urinar de forma descontrolada. Sinto que a minha vida continua normalmente porque consigo manter relações sexuais com meu marido, mesmo com esta doença”.



Sitena Delteio

“Sou Sitena Delteio, Não sei quantos anos tenho, sou natural de Namuno”, tive 4 filhos, antes da guerra dos 16 anos, mas morreram todos. Não me lembro com quantos anos casei e tive o primeiro filho, mas sei que o problema começou na terceira gravidez.

Quando começou o trabalho de parto do terceiro filho fui ter com a minha mãe, ela disse que não havia necessidade de ir ao hospital, que ela mesma faria o parto. Tentou fazer o meu parto em casa, meteu as mãos na minha vagina, mas o bebé não saiu. Depois disso fiquei três semanas com o bebé na barriga e já na quarta semana o bebé saiu sozinho, mas sem vida. A minha família não me levou para o hospital, alegando que o hospital era longe da Aldeia de Natala, onde vivíamos. Daí começou a sair urina. Já não conseguia conter até à casa de banho, como fazia antes. Mas a casa onde vivíamos era longe do hospital.

Voltei a engravidar do último filho, depois de contrair a fístula, ia às consultas no centro de saúde, mas não tratavam da saída da urina e eu não tinha condições para ir a um hospital provincial. Tive nado morto. Este parto foi assistido pela tia, irmã da mãe.

Fui muitas vezes ao centro de saúde, mas não me atenderam e não tinha como ir ao hospital provincial, então comecei a fazer tratamento tradicional. No hospital dizem que sou velha e que já não podem curar, mas eu gostaria de ser como as outras mulheres. Agora não conto com ajuda de ninguém. Meu marido está cego e já não trabalha. Eu vou à machamba, o que consigo vendo para comprar comida”.

Testemunhos UNIÕES FORÇADAS E PREMATURAS



Sauna Raquel

“Eu sou Sauna Raquel”, não lembro quantos anos tenho nem quando comecei a vida sexual. Mas quando me recenseie fizeram as contas e disseram que tinha 26 anos. Tenho 3 filhos, o mais velho tem dez anos. Mas sei que quando chegou a primeira menstruação eu tinha 15 anos e os meus pais man-

daram para os ritos de iniciação, conforme manda a tradição. Quando saí dos ritos veio um homem que disse que queria casar comigo. Então meus pais concordaram e fui viver com ele.

Alguns meses depois eu já estava grávida. Tive duas crianças com ele. Mas ele me batia muito e tive que voltar para casa dos meus pais. Quando voltei ele não me ajudava com as crianças, não mandava dinheiro nem comida.

Depois apareceu outro homem e pediu para casar comigo, os meus pais aceitaram e fui viver com ele. O meu primeiro marido quando soube que eu vivia com outra pessoa veio para queimar a casa onde nós vivíamos e tivemos que sair dali para outro sítio.

Se eu voltasse atrás gostaria de ter estudado um pouco porque não sei ler nem escrever. Não gostaria que os meus filhos fossem como eu. Gostava de ter estudado e ser enfermeira. Quando ando vejo panfletos na estrada, sou obrigada a pedir às pessoas para poder entender o que está escrito. Mas não tive essa oportunidade, tive que casar cedo para respeitar a tradição, mas não desejo o mesmo para meus filhos”.



Verónica Rafael

“Chamo-me Verónica Rafael, tenho 16 anos” nunca entrei numa sala de aula, por isso não sei ler nem escrever. Engravi-dei quando tinha 15 anos. Eu vivia com minha mãe em Murrupula, mas tive que vir para Namuno e viver com os meus tios. Quando cheguei eles arranjaram um marido para mim, tive que casar e acabei engravidando. Logo eles me mandaram para os ritos de iniciação, mas fui saber que estava grávida. Quando voltei dos ritos ele havia fugido. Não cuidou de mim, da gravidez nem da criança.

Gostaria de aprender a ler e escrever, estudar para ser professora. Se não tivesse engravidado cedo teria buscado ajuda, procurar alguém que pudesse cuidar de mim e me mandar para a escola.

Na minha comunidade as pessoas riem de mim porque tive bebé cedo, ninguém além dos meus pais me ajuda. Agora vivo com minha mãe e o meu padrasto que são camponeses. Até os meus tios não ajudam”.



Novelva Tereciano

“Sou Novelva Tereciano, tenho 18 anos” terminei de estudar na quarta classe. Quando eu tinha 12 anos fui levada por uma senhora, que veio pedir aos meus pais para que fosse cuidar dos bebés dela, enquanto ela ia trabalhar. Ela me levou para Pemba e deixei de estudar. Quando chegámos à casa dela pedi para estudar, mas ela negou. Eu cozinhava e fazia todos os trabalhos de casa, mas ela não comprava nada para mim as mesmas coisas que comprava para as filhas, não comia a mesma comida e não recebia nenhum salário pelo trabalho que fazia.

Como eu cobiçava as coisas que as filhas tinham, logo que comecei a ver período, aos 15 anos, comecei a namorar. O meu primeiro namorado foi um polícia, um senhor adulto, mas dava-me dinheiro para comprar as coisas que eu queria. E como ele me dava dinheiro, a senhora com quem eu viva disse para eu casar com ele, mas eu não aceitei. Separei-me dele e comecei a namorar com alguém da minha idade. Quando tinha 16 anos engravidei desse jovem com quem vivo na casa dos meus pais.

Mas não me sinto bem por ter sido mãe aos 18 anos, vejo outras meninas da minha idade a irem para escola e eu não. Gostaria de ter estudado para ter o meu próprio emprego, ser uma enfermeira ou professora. Sinto que a minha vida acabou aqui e se tivesse uma oportunidade faria um negócio para ter sabão, capulanas e cuidar da filha. Agora vivemos na casa dos meus pais e todos trabalhamos na machamba”.

DIANA YAMALE: “Quero ser professora para ensinar minhas alunas a não cometerem os erros que eu cometi”: a luta pela realização de um sonho



Diana Yamale

“Diana Yalamale” tenho 15 anos de idade e uma filha de dois meses. O meu período chegou quando eu tinha 13 anos e logo depois fui aos ritos de iniciação. Com 14 anos comecei com a actividade sexual sob agitação da minha amiga. Ela teve um bebé mais cedo e dizia que eu não era da idade dela e nem podia brincar com ela se eu não tivesse. Pela pressão dela acabei arranjando namorado e começámos a manter relações sexuais.

É difícil ser mãe na minha idade. Já não posso fazer as mesmas brincadeiras nem ficar com minhas amigas porque tenho que passar a maior parte do tempo cuidando do bebé. Com a gravidez preferi anular a matrícula, mas voltei a inscrever-me na escola porque quero estudar para não depender de ninguém.

Agora estudo de noite e todos os dias quando vou à escola levo a minha irmã mais nova de nove anos para ficar com a bebé, enquanto estudo. Nos intervalos eu saio para amamentar a criança.

Graças a Deus conto com apoio da minha família, que aceita que eu leve minha irmãzinha e pagam as minhas despesas. Na escola os professores sabem que eu tenho bebé e também me ajudam. O meu sonho é de continuar a estudar para ter o meu emprego e ser independente. Quero ser professora para ensinar as minhas alunas a não cometerem os erros que eu cometi.”

Ficha Técnica

Título: Suplemento Informativo – Direitos Sexuais e Reprodutivos | Propriedade: Fórum Mulher – Coordenação para a Mulher no Desenvolvimento
Coordenação Editorial: Aida Nhavoto, Maira Domingos, Laura Winasse e Maria Salome | Colaboração: Nafeza - Núcleo das Associações Femininas da Zambézia, AMUDHF - Associação de Mulheres para Promoção de Direitos Humanos e Combate as Fístulas e Muleide - Associação Mulher Lei e Desenvolvimento
Revisão Linguística: Olga Martins | Fotografia: Aida Nhavoto | Coordenação Geral: Aida Nhavoto e Maira Domingos | N° de Registo: 001/GABINFO DG/1998
Maquetização e impressão: Preview Publicidade & Serviços | Data de Impressão: Janeiro de 2019
Financiamento: FNUAP & AGIR



